

MEDITAÇÃO

4. ^{IV} Raul Pilla 58

A SEMANA SANTA deveria merecer-nos uma profunda meditação. Dizendo «nós», quero referir-me a todos os homens e, especialmente, aos políticos brasileiros. Ninguém mais do que êles, por viverem neste grande charco, que é a política nacional, precisa de elevar-se ao transcendente.

Muitas são as lições dêstes dias incomparáveis na história da humanidade. A maior delas é a do sacrificio. Sacrificio talvez mais comovente no Horto, do que na caminhada para a Cruz, quando tudo já está decidido e os acontecimentos se desenrolam fatalmente. Um homem, mais do que um homem, imola-se conscientemente à salvação da humanidade.

E' claro que ninguém poderia exigir dos políticos, principalmente dos políticos brasileiros, tamanho espirito de sacrificio. São homens e para homens, na terra, vivem. Não é esta a transcendência que dêles se reclama. Não se lhes pede que deixem a terra pelo céu. E, ainda que a vida pública tenha os seus mártires e heróis, dêles não se espera tanto. Mais modesta é a transcendência: sejam e permaneçam homens, mas homens capazes de sair um pouco de si mesmos, para pensar, senão em todos os homens, ao menos nos mais próximos, homens que esqueçam por vêzes os seus interesses e ambições, para pensar no bem-estar dos demais cidadãos.

O Cristo serviu a humanidade, não na terra, mas para a eternidade. Procurar servi-la aqui, parcialmente e transitòriamente, é a verdadeira missão do homem público. Se os nossos políticos se detivessem um pouco, nestes dias sagrados, a meditar na transcendência do seu papel, produzir-se-ia uma grande transformação neste país. Mas tal seria um grande milagre, o milagre que, embora sem muita fé, todos esperamos.